

**Veículo:** *Valor Econômico*

**Data:** 24/06/2004

**Autor:** coluna *Opinião*

## **Números que embaralham a visão**

Nada parece ofuscar os resultados das contas externas do país. Conforme os dados divulgados ontem pelo Banco Central, o país acumulou em doze meses, na posição de maio, superávit em conta-corrente equivalente a 1,24% do PIB. Isso, graças, como se sabe, ao extraordinário desempenho das exportações. O saldo da balança comercial pode chegar a US\$ 26 bilhões este ano, prevê o BC. Outros trabalham com US\$ 28 bilhões.

Os números podem ser vistos como indicadores de tranqüilidade no front externo. O cenário positivo foi reforçado com a captação no mercado internacional de US\$ 750 milhões do Tesouro Nacional na segunda-feira.

Mas, serão essas informações sinais efetivos de que tudo anda bem no campo dos fluxos externos do Brasil?

Não, se considerarmos a ordem de preocupações levantada por alguns economistas que têm o salutar hábito de olhar para o país com uma visão que não se esgota no segundo do momento imediato em que as informações são divulgadas. Ao contrário, procuram entender as cifras, analisá-las e vislumbrar a partir dali o que o futuro nos reserva. E, à luz fria dos números do presente, o futuro continua incerto e perigoso.

O economista-chefe do Citibank, Carlos Kawall, tem chamado atenção para um fato de fácil comprovação: o capital estrangeiro de investimento está insatisfeito com o Brasil. Isso tem sido facilmente detectado através de uma simples leitura do movimento na conta de capital do balanço de pagamentos. Ainda ontem, ao divulgar os dados de maio, o BC deixou claro que entraram no país nada mais do que ínfimos US\$ 207 milhões na forma de investimento direto estrangeiro. Quer dizer, praticamente metade do que esperava a equipe de técnicos do próprio BC.

Pelo andar da carruagem, se na melhor das hipóteses entrarem no país este ano US\$ 10 bilhões de investimento estrangeiro direto, o país estará recebendo nessa modalidade de capital apenas um terço do volume de US\$ 33 bilhões que absorveu em 2000.

Mas não é apenas isso que tem assustado. Kawall está particularmente preocupado com o fluxo de remessas de lucros e dividendos que tem deixado o país nos últimos meses.

Em maio, o item remessas líquidas de renda ao exterior acusou saída de US\$ 1,7 bilhão, dos quais US\$ 417 milhões representaram remessas de lucros e dividendos atrelados a investimento direto. Ou seja, na modalidade conhecida como IDE as saídas de dólares equivaleram ao dobro que entrou no mesmo mês através da conta de capital.

Na semana passada, durante seminário sobre comércio externo e investimento realizado no Instituto Fernando Henrique Cardoso (IFHC) em São Paulo, Kawall já chamava atenção para essa discrepância.

Um olhar atento sobre os números faz com que se entenda perfeitamente os motivos da visita que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o ministro da fazenda, Antonio Palocci, realizam junto a investidores nos Estados Unidos.

Por enquanto, as exportações dão para o gasto. Mas por quanto tempo? Têm elas o perfil que transformará o Brasil em forte competidor no mercado internacional? Os recentes ganhos do chamado "market share" (fatia de mercado) vieram para ficar?

Há sérias dúvidas com relação a isso. A rigor, tudo indica que no mundo globalizado da internet e de outras conquistas tecnológicas fica mais difícil entender a dissociação de resultados entre conta de capital e balança comercial que parece ter marcado até bem pouco tempo o desempenho das contas externas do país. Não deixa de ser verdade que um país em desenvolvimento como o Brasil precisa atrair investimento de fora para criar base para o aumento da capacidade instalada. Significa importar poupança externa para financiar o crescimento interno. Mas parece cada vez mais claro que um país em desenvolvimento tende a ganhar robustez de desempenho e maior tranquilidade no front externo se e quando passar a absorver investimentos externos que efetivamente contribuam para ampliar a capacidade exportadora.

Está se falando aqui, obviamente, não de soja e minério que por muito tempo devem encabeçar a pauta de exportações do país. Mas de produtos de maior valor agregado como eletroeletrônicos e outros deste gênero associado à idéia de avanço tecnológico.

A Unctad - órgão das Nações Unidas voltado para o estudo do comércio externo e que realizou sua reunião plenária na semana passada, em São Paulo - tem farta série de estudos que comprovam a relação estreita existente nos dias de hoje, no mundo dos chamados "em desenvolvimento", entre investimento estrangeiro e comércio externo.

Os números foram apresentados por Karl Sauvart, diretor da Divisão de Investimento, Tecnologia e Desenvolvimento de Negócios da Unctad, quando passou pela cidade, nas entrevistas que deu e no seminário do iFHC. São impressionantes. Funcionam como bons indicadores do que se passa hoje no mundo:

90% das exportações de manufaturados da Irlanda são provenientes da produção de afiliadas de empresas estrangeiras ali instaladas;

- na Hungria, a participação das empresas de capital estrangeiro no total das exportações é de 80%;
- na Estônia, de 60%;
- na Polônia, de 56%;
- na China, a mercadoria ali produzida por afiliadas de empresas de capital estrangeiro já responde por 50% do total das exportações;
- no México, é de 31%;
- na Argentina, de 29%;
- na Coreia, de 15%.

O Brasil, por algum motivo, não aparece na relação da Unctad. O remédio, segundo a Unctad, não parece estar porém na velha alternativa da industrialização a portas fechadas que chegou a ser recomendada à América-Latina por sua irmã, a Cepal. E sim na

abertura cada vez mais ampla da economia ao investimento estrangeiro. Regras claras são cruciais. Isso ajuda a resolver o problema do fluxo externo pelo lado da quantidade.

Mas não apenas isso. É preciso tratar a questão externa com maior sofisticação e horizonte. As importações, por exemplo, não podem ser desestimuladas com o aumento de imposto que se vê. Isso só atrapalha a melhoria da qualidade das exportações, além de desestimular o investimento direto.